

Chantiers d'Europe

Lisboa – Paris

Marie Plantin

Théâtre de la Ville PARIS

chantiersd'Europe
Lisbonne-Paris
JUNI 2013 • 4e EDITION

FOCUS SUR LA CRÉATION PORTUGAISE
60 ARTISTES • 30 PROJETS
Carminha, Luta Pena, Misa, Bomba Suicida, Mala Vaadora, Teatro Praga, Tiago Rodrigues, Sofia Dias, Vítor Roriz, António Lobo Antunes, Miguel Gomez, João Onofre, Ricardo Jacinto...

13 LIEUX ASSOCIÉS DANS PARIS:
CENTQUATRE // ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE DES BEAUX-ARTS // FONDATION CALOUSTE GULBENKIAN // LE MONFORT // MAISON DU # // MANSION DE LA SACROSCIENCE CULTURE // MAISON DE LA POÉSIE // MANSION EUROPEAL ANDRÉE DE COLVAUCAUP // PARC MONTSOURIS // PALAIS DE TOKYO // PARC MONTSOURIS // THÉÂTRE DE LA VILLE // THÉÂTRE DES ABBESSES

AVEC LE SOUTIEN DE:
EGEAC MAIRIE DE PARIS INSTITUTS CULTURELS DE PARIS C44

EN PARTENARIAT AVEC:
MAISON DE LA POÉSIE MANSION EUROPEAL ANDRÉE DE COLVAUCAUP

www.theatredelaville-paris.com • 01 42 74 22 77

Paris, Junho de 2013: Fim da temporada teatral. As programações jogam as suas últimas cartas antes da pausa de Verão. Assim vai o ciclo da actividade cénica. O mês de Junho ressent-se das férias, do círculo que se fecha antes de se abrir o novo em Setembro. No entanto, é neste período de escassa ebulição, em que a assunção de riscos se reduz cada vez mais, que o renomado Théâtre de la Ville começa o seu Festival inaugurado há quatro anos, *Chantiers d'Europe* [Estaleiro da Europa], dedicado à criação teatral europeia. Uma verdadeira plataforma de artistas e companhias emergentes, ainda desconhecidas a nível internacional, trabalhando fora dos circuitos comerciais e oficiais. Na temporada anterior, a Grécia compartilhou o convite com a Itália. Este ano, na sua quarta edição, Portugal é o convidado de honra, em especial a criação cénica lisboeta, assumindo-se esta edição como dedicada à memória de Joaquim Benite (1943–2012).

Na verdade, trata-se do 15º aniversário do Pacto de amizade e colaboração entre as duas capitais, francesa e portuguesa e, para comemorar este entendimento duradouro, nada melhor do que um acontecimento cultural de grande envergadura aberto – e acessível – ao público, sinónimo de partilha e troca, de descoberta e transversalidade. Oferecia-se, assim, ao espectador francês, a oportunidade de descobrir o que se faz de mais contemporâneo em matéria de artes do espectáculo no país de Pessoa.

Este tempo intenso é organizado pelo Théâtre de la Ville, dirigido por Emmanuel Demarcy-Mota, e cuja localização central, na praça do Chatelet, faz dele um palco privilegiado, um ponto de convergência e de encontro de públicos. Mas a verdade é que se espalha também por diferentes bairros e instituições culturais, como o Monfort, a Maison de la Poésie, o CentQuatre, o Palais de Tokyo, e ainda o Parc Montsouris, a Maison de la Radio e ainda outras instituições, envolvendo ambas as margens, direita e esquerda, da capital. Para esta manifestação o Théâtre de la Ville aumenta o seu potencial de acolhimento, colocando à disposição desta iniciativa os seus vários espaços, mesmo quando não são todos expressamente destinados às representações, como foi o caso da Coupola, do Café des Œillettes, bem como a sua segunda sala do Théâtre des Abbesses no 18º distrito. E estes são os muitos palcos que propagam e multiplicam o alcance do acontecimento, ramificando-se e amplificando a programação desta edição portuguesa dos Chantiers d'Europe numa miríade de lugares de expressão.

Acresce ainda que esta edição foi possível graças ao empenho e apoio de parceiros sólidos e solidários – EGEAC, Instituto Camões, Câmara Municipal de Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian – para que acontecesse esta exuberante concentração de todas as disciplinas artísticas, estando o teatro certamente no coração do evento, mas juntamente com a música, a dança, a *performance*, as artes visuais e o cinema. De facto, o programa não se limitou a uma selecção de eventos teatrais, antes cruzou as diferentes áreas numa mistura fértil e desejável, totalmente em sintonia com a actual tendência das artes para a transdisciplinaridade. O vento que sopra hoje em dia sobre a criação cénica vem semear o caos, um caos dinâmico e revigorante, que mistura os rótulos, confunde

<
Cartaz
Chantiers d'Europe 2013.

Marie Plantin
é crítica de teatro e
dança *freelance*,
colaborando com várias
publicações em França.

< >

*What I Heard About
the World,*

concepção Jorge Andrade,
Alexander Kelly
e Chris Thorpe,
Mala Voadora /
Third Angel, 2013
(< Jorge Andrade,
Alexander Kelly
e Chris Thorpe;
> Alexander Kelly),
fot. José Carlos Duarte.

*Três dedos abaixo
do joelho,*
texto e enc.

Tiago Rodrigues,
Mundo Perfeito, 2012
(Gonçalo Waddington
e Isabel Abreu),
fot. Magda Bizarro.

< >



as pistas, derruba as fronteiras de género, mistura as técnicas e referências. A cena torna-se num laboratório experimental onde todas as artes são convocadas sem inibições nem hierarquias. O teatro em si e *de per si* já não tem razão de ser. Porque é um híbrido. Impuro. Complexo. Em contacto com a sua herança e, contudo, novo. E essa é a sua riqueza. Alimenta-se das novas tecnologias integrando na sua matriz narrativa o vídeo, apela para as artes plásticas e não apenas para o seu dispositivo cenográfico, mas também na maneira de utilizar materiais e cores no palco ao longo da representação, assimilando o corpo do actor a uma máquina orgânica com um potencial infinito, território de experiências extremas, namorando com o *music-hall* salpicando-se de interlúdios cantados, aproximando-se da *performance*, assumindo a presença do público e deixando cair a falsa aparência da quarta parede... Um teatro que se oferece e inventa, que duvida e muda. Que se renova formalmente para melhor interrogar no presente o mundo, a sua História e a sua actualidade. É cosmopolita e comprometido, jovem e impetuoso. Disso deram prova as propostas a que pudemos assistir no âmbito destes *Chantiers d'Europe*, a reconciliação, num tempo condensado, de representações que realçam linhas de força, semelhanças formais, interesses partilhados, preocupações comuns.

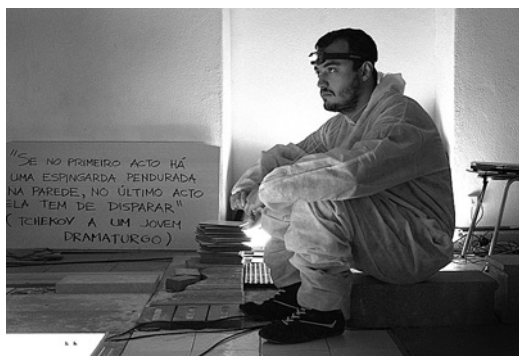
Third Angel + Companhia Mala Voadora: Relatório sobre o mundo

O que notámos em primeiro lugar, porque ostensivo e visível, foi um gosto acentuado pelas cenografias heterogéneas compostas de objectos de toda a espécie e de mobiliário composto saído directamente da loja de velharias da esquina ou da venda de garagem do vizinho. O palco era um concentrado eclético de elementos do exterior, vindos do real. Há quase uma dimensão dadaista para estes *patchworks* cenográficos, que parecem dar

conta dum estado de espírito mais global, como uma maneira de reflectir o próprio absurdo do mundo, a sua abundância, a sua diversidade. No espectáculo *What I Heard About the World* [*O que eu ouvi sobre o mundo*] – pela Companhia Mala Voadora em colaboração com a Third Angel – os actores tornavam-se narradores, ou antes "relatores" de histórias e historietas de dimensão universal, mais ou menos (sur)realista, sendo o verdadeiro muitas vezes difícil de distinguir do falso, encadeadas umas nas outras e apresentadas em simultâneo. Se, aparentemente, não há nenhuma conexão entre cada uma das cenas, a verdade é que o que se apresentava era um inventário do mundo, dramático e lúdico, em torno de problemáticas contemporâneas (como a ecologia, guerras, ditaduras, manifestações, massacres...) e um sentido de uma desumanização generalizada. Uma certa maneira de fazer teatro também do mundo.

Tiago Rodrigues: Fazer teatro da censura

À esquerda da sala, expositores com roupa, à direita, um grande reposteiro de veludo vermelho e pilhas de cadeiras ordenadas em lotes. Ao fundo, uma parede forrada com textos e imagens e, no palco, os móveis estão cobertos com plástico. O encenador Tiago Rodrigues monta o cenário: *Três dedos abaixo do joelho*, faz a *mise-en-abîme* do acto teatral, a sua prática, num contexto específico da História de Portugal, o período da ditadura de Salazar. Baseia-se nos arquivos nacionais do país para a própria matéria do seu espectáculo: os relatórios dos inspectores da censura relativamente às peças e representações teatrais daquele tempo. Em cena, os dois actores, Isabel Abreu e Gonçalo Waddington, apropriam-se desses textos administrativos, apontamentos oficiais que dão testemunho da importância atribuída à arte teatral, à influência que poderiam ter nos hábitos e no pensamento dos cidadãos. Estes relatórios, que justificavam a proibição de



<
Eurovision,
 de André e. Teodósio,
 Martim Pedroso e Pedro
 Penim, Teatro Praga, 2005
 (Pedro Penim),
 fot. Ângelo Fernandes.



>
Discotheater,
 de André e. Teodósio,
 Cláudia Jardim,
 Diogo Bento, Maria João
 Machado, Patricia da
 Silva, Pedro Penim
 e Vasco Araújo,
 Teatro Praga, 2006
 (Cláudia Jardim),
 fot. Ângelo Fernandes.

*Um gesto que não passa
 de uma ameaça*,
 de Sofia Diaz e Vitor Roriz,
 2011
 (Sofia Diaz e Vitor Roriz),
 fot. Lucian Renitsa.

determinadas peças, e apontavam para as cenas censuradas, revelaram ser uma poderosa mina dramática. Deste modo, por efeito contrário ou ironia do destino, a censura ofereceu, a um tempo muito posterior, um material novo e apaixonante, que revelou ser uma matéria extraordinária para levar à cena, pelo modo como foi utilizada, ao mesmo tempo que mostrava o aspecto absurdo e poético de um dado histórico. Este espectáculo resultou cómico e constituiu uma troça magnífica, desprovida de qualquer rancor, ao mesmo tempo que "promovia" os censores – à sua revelia – a autores "cómicos".

Teatro Praga:

O teatro da Europa

O Teatro Praga tem sido muito falado e há razões para isso. Já acolhido por duas vezes pelo MC 93 de Bobigny, participou nestes Chantiers d'Europe com dois espectáculos, *Discotheater* e *Eurovision*. Este colectivo heterogéneo, que reúne artistas de vários quadrantes (artes plásticas, teatro, música, dança, vídeo) e que funciona como um laboratório de pesquisa e experimentação cénica, produz obras que se revelam *patchworks* de grande movimentação e energia, que convidam a pensar sem excluir o divertimento e a leveza. Em *Eurovision*, performance teatral heterogénea e

que aponta para várias questões, os dois actores em cena, Pedro Penim e André e. Teodósio, partem do famoso Festival Eurovisão da Canção para questionarem, de forma humorística, a identidade europeia, buscando o seu material dramático e filosófico na História, em Beckett, Tchekov e George Steiner, e o seu material verbal numa multiplicidade de idiomas. À escala do espectáculo, é uma imagem da Europa que se vai desenhando associada à própria ideia de teatro e de representação.

Sofia Dias e Vitor Roriz: Quando a língua dança

O multilinguismo é um traço comum da maioria das companhias convidadas. As representações apresentavam grande variedade linguística, o que é um sinal de abertura e integração. Em português, evidentemente, mas também em inglês, francês, ou pelo menos em tentativas louváveis, reflectindo o estado de espírito geral destes artistas prontos para entrar em contacto com a língua e a cultura do outro, conforme o país que os recebe. Foi em Inglês que Sofia Dias e Vitor Roriz apresentaram o seu poema para duas vozes. Como coreógrafos e intérpretes, eles trabalham a palavra e o gesto num mesmo sentido e sem hierarquia. Uma maneira de pôr no mesmo nível o teatro e a dança,

>
A virgem doída,
 de Jean-Arthur Rimbaud,
 enc. Mónica Calle,
 Casa Conveniente, 2012
 (Mónica Calle),
 fot. Bruno Simão (postal).



de explorar as ligações íntimas entre palavras e movimentos. *A Gesture that is Nothing but a Threat* [*Um gesto que não passa de uma ameaça*] persegue a musicalidade e a plasticidade da linguagem para além do sentido, sondando o seu infinito potencial de metamorfose formal e de significados, numa escansão ofegante em que o corpo todo se encontra envolvido.

Mónica Calle:

O corpo poético

Quanto a Mónica Calle, ela literalmente apropria-se de uma das obras mais famosas de Arthur Rimbaud, *Une saison en enfer* [*Uma estação no inferno*], numa performance (*A virgem doída*) de rara intensidade. Sozinha, olhos nos olhos com um público restrito, em fileiras serradas (a sala é minúscula), tão perto que a ouvimos respirar, Mónica Calle, de início num francês hesitante, depois em português, totalmente imersa no longo poema, atormentado e vibrante, dum dos maiores poetas franceses. É uma experiência íntima. Perturbadora. Avassaladora. O corpo da atriz-performer é atravessado pelo poema, que perfura a sua alma, expõe o seu coração. A ligação que esta mulher tece com as palavras de outro é um choque físico e estético. Mónica Calle está a descoberto, não recita, ela age o poema, mostra o efeito que tem nela, a sua reacção epidérmica às palavras. O verbo não é oferecido com luvas numa bandeja de prata, a da deferência e da admiração, não: ele é enfrentado, incorporado e devolvido como matéria viva e vibrante, bruta e orgânica, irreverente. A nudez de Mónica Calle irradia fragilidade e força misturadas. A sua voz, grave, ora sussurra ora é uma erupção, ora raspa ora é um rugido. Dos seus olhos maquilhados de preto, por vezes correm lágrimas. As suas mãos enxugam o rosto totalmente lavado. Os seus pés pisam a areia e o carvão no chão. Os seus músculos ficam recortados pelas luzes. O palco ficou abolido na cave abobadada da Maison de la Poésie. O teatro foi varrido

da cena. Tudo aqui é verdade: a pele, as lágrimas, os dedos que deslizam no sexo. O cara a cara com os espectadores é total, inteiro, numa frontalidade trágica. A artista encarrega-se de tudo, luzes e música incluídas. Ela entoa Chico Buarque e é uma carícia. Ela lança-se numa dança frenética, com saltos e braços projetados, ao som da *Sagração da Primavera* de Stravinski e sentimos calafrios. Um transe poético e físico, ritual cheio de ternura e raiva, minimalista no seu dispositivo. Mónica Calle, repõe um espectáculo apresentado há vinte anos, sendo este, por certo, um dos momentos mais espectaculares destes Chantiers. Um dos mais violentamente impressionantes.

Espelhos e reflexos da actualidade

Estes Chantiers d'Europe dedicados à criação cénica lisboeta vêm revelar e valorizar uma nova geração de artistas e companhias independentes que se inscreve não apenas na sua própria História, mas também, mais amplamente, num movimento artístico a nível europeu. Este movimento, perceptível, identificável, reconhecível, feito de tendências cénicas que podem ser identificadas, de formas comuns, não parece ser o resultado inevitável e trágico dum processo de globalização e uniformização das produções. Pelo contrário, parece o sinal tangível duma circulação de ideias, dum mesmo impulso criativo que ignora as fronteiras, um espelho que reflecte o estado actual do teatro na Europa.

Tradução de Sebastiana Fadda